

12/7/1987

Estados tentam evitar o êxodo

Com exceção de um foco de migração em torno do anúncio da duplicação do Pólo Petroquímico de Camaçari, na Bahia, e do êxodo provocados pela seca em Alagoas, ainda não se constatarem grandes problemas de migração nos Estados do Nordeste brasileiro, região potencialmente exportadora de desempregados. Os programas de emergência colocados em prática pelos governos estaduais estão, por enquanto, contendo os desempregados em suas cidades.

Os responsáveis pelo posto da Superintendência do Trabalho da Bahia (Sutrab) estimam que estão recebendo uma média diária de seis desempregados procedentes do interior baiano e de outros Estados, atraídos pelas notícias de que o Pólo de Camaçari será duplicado.

Jean Bauzin, que há 11 anos trabalha no setor de migrações da Sutrab, prevê sérios problemas em Camaçari, já que grande parte dos 25 mil operários que trabalharam na implantação do pólo, em 1977, ali permaneceu, e a esses se vem somar agora os migrantes, sem que exista possibilidade de absorção de toda essa mão-de-obra.

Ainda de acordo com a Sutrab, o Estado de Alagoas vem liderando a movimentação migratória do Nordeste, superando tradicionais Estados do êxodo de mão-de-obra como Pernambuco e Rio Grande do Norte, de onde normalmente procede a maioria dos migrantes que passavam por Salvador com destino a São Paulo e outros Estados do sul do país. A seca em Alagoas tem sido apontada como principal motivo dessa expulsão.

Fora os dois focos que atualmente mais geram migrações, o desemprego e o subemprego da região metropolitana do Recife — que hoje atingem 1 milhão 18 mil 675 pessoas e é a maior taxa de desocupação do país, atingindo 50% de força de trabalho — também preocupam as autoridades. A construção civil e o setor que apresenta as maiores taxas de desemprego, chegando, em maio, a bater nos 71%. De acordo com a representação do Sistema Nacional de Emprego (Sine) em Recife, 3 ofertas de vagas este ano vem sendo bem inferior à de 1986.

Já em Fortaleza, as estatísticas mais recentes da Secretaria de Ação Social do governo cearense indicam que 11,4% da população economicamente ativa da capital — estimada em 650 mil pessoas — estão desempregados e outros 299 mil encontram-se subempregados. Estes números não preocupam tanto o governo, pois ainda se mantêm nos mesmos patamares do ano passado.

Confiantes no sucesso dos programas de emergência colocados em prática, o governo de Sergipe também não está muito preocupado com os 9 mil trabalhadores que perderam seus empregos no primeiro semestre deste ano no Estado. O secretário do Trabalho, Wellington Paixão, assegura que "as ações do governo têm contribuído para manter o homem em seu local de origem".

Foco gerador real de migrantes, porém, tem sido o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, que libera anualmente um contingente de desempregados estimado em 100 mil pessoas. A Secretaria do Trabalho de Minas constatou que 55% dos bóias-frias do Vale do Jequitinhonha são pequenos proprietários que não utilizam suas terras por falta de apoio e orientação governamental.

REPORTAGEM: Adiberto de Souza Oliveira (Aracaju), Carlos Cândido (Belo Horizonte), Egídio Serpa (Fortaleza), Luiz Carlos de Andrade Faustino (Salvador), Marisa Gibson (Recife)

